O IMPACTO DOS ASPECTOS CULTURAIS NO SUTIÃ AO LONGO DA HISTÓRIA

THE IMPACT OF THE CULTURAL ASPECTS OF THE BRA THROUGHOUT HISTORY

Ana Caroline Marques Miranda
UNESP
ac.miranda@unesp.br

Luis Carlos Paschoarelli
UNESP
luis.paschoarelli@unesp.br

Ana Cláudia de Abreu
UNESP
a.abreu@unesp.br

Marizilda dos Santos Menezes
UNESP
marizilda.menezes@unesp.br

PROJÉTICA

DESIGN: EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

MIRANDA, Ana Caroline Marques; ABREU, Ana Cláudia de; MENEZES, Marizilda dos Santos; PASCHOARELLI, Luis Carlos. O impacto dos aspectos culturais no sutiã ao longo da história. **Projetica**, Londrina, v. 17, n. 1, 2026. DOI: 10.5433/2236-2207.2026.v17.n1.51801. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/51801.

DOI: 10.5433/2236-2207.2026.v17.n1.51801

Submissão: 04/11/2024

Aceite: 17/09/2025

Resumo: O sutiã é uma peça íntima feminina que fica em contato com o corpo e tem como função proteger e sustentar as mamas. Portanto, ao serem desenvolvidos é necessário compreender os dados antropométricos, mecânicos e funcionais da usuária. Porém ao longo da sua história, essas informações que complementam o projeto de sutiã foram deixadas de lado e por conta disso, há modificações na sua função e estrutura afetando diretamente a imagem corporal da mulher. Neste âmbito, a pesquisa busca analisar como a evolução do sutiã foi impactada pelos aspectos culturais no decorrer de sua história. Para isso, o estudo apresenta uma abordagem qualitativa e caráter descritivo, utilizando a Revisão Bibliográfica Assistemática como estratégia metodológica. Como resultado, foi possível perceber que, desde a primeira evidência do uso da peça, já existia a preocupação com a alteração da forma do artefato e, consequentemente dos seios, por meio dos recursos do design de moda.

Palavras-chave: design; sutiã; design de moda; história.

Abstract: *The bra is a female intimate garment that is in contact with the body and its function is to protect and support the breasts. Therefore, when they are developed, it is necessary to understand the wearer's anthropometric, mechanical and functional data. However, throughout its history, this information, which complements the bra design, has been neglected and, as a result, there have been changes to its function and structure, directly affecting women's image. In this context, the research seeks to analyze how the evolution of the bra was impacted by cultural aspects throughout its history. To this end, the study presents a qualitative approach and descriptive character, using the Unsystematic Bibliographic Review as a methodological strategy. As a result, it was possible to perceive that, since the first evidence of the use of the piece, there was already a concern with changing the shape of the artifact and, consequently, of the breasts, through the resources of fashion design.*

Keywords: *design; bra, fashion design; history.*

INTRODUÇÃO

A moda pode ser compreendida como um meio de construção de identidade do corpo, em que suas representações estéticas são constituídas a partir de um contexto cultural. Isso está diretamente relacionado ao impacto da evolução do vestuário ao longo da vida humana, desde os primórdios, como uma forma de atender à necessidade do ser humano de proteger seu corpo e, paralelamente à evolução das vestes íntimas, que sofreram alterações em significados, pautadas na concepção do corpo e da cultura, de acordo com cada período. Entretanto, compreender as alterações das vestes íntimas femininas ao longo do tempo vai além das representações estéticas. É possível perceber como esses artefatos foram capazes de alterar a estrutura corporal das mulheres, quando direciona o olhar sobre como o corpo foi se modificando por meio dos recursos tecnológicos e de modelagem com tecidos e aviamentos, que, de modo associado, estiveram pautados em aspectos culturais.

Quando se fala no artefato íntimo sutiã, Mulko (2022) caracteriza-o como peça utilizada para cobrir, sustentar ou alterar a aparência dos seios. Por conta disso pode-se dizer que ele possui os três atributos do produto do design citados por Löbach (2001), estético, funcional e simbólico. Para Sheng e Wang (2022), a sua função está relacionada com a sustentação dos seios, visando a plena realização das atividades da vida cotidiana, ao mesmo tempo que se tornaram uma poderosa referência estética da feminilidade. De acordo com Bass-Krueger (2019), o sutiã é uma consequência da "revolução" do vestuário do século XIX, mas sua primeira patente ocorreu apenas em 1914 (Mulko, 2022; Stampler, 2014). Na primeira metade do Século XX seu design se aprimorou, com a aplicação de novos materiais e tecnologias (Smith, 2018). Foi otimizado quanto aos modelos e aplicação de texturas e aviamentos, no final do mesmo século (Scott, 2013) e alcançou o século XXI com novas funcionalidades e customizações, cada vez mais adequadas às necessidades e aspirações da moda feminina (Yu *et al*., 2006).

Diante do contexto exposto, esta pesquisa teve como objetivo examinar de que modo a evolução do sutiã foi condicionada por aspectos culturais ao longo de sua trajetória histórica. Este estudo é fruto da investigação realizada pelos autores, que, em seus respectivos projetos de pesquisa, identificaram a escassez de estudos sistematizados sobre a linha temporal da história do sutiã.

A metodologia adotada caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória. O levantamento de dados foi realizado mediante revisão assistemática da literatura, contemplando fontes acadêmicas indexadas nas bases Scopus, Web of Science, SciELO e Periódicos CAPES, além do Banco de Teses e Dissertações da CAPES e livros especializados na temática. Para o tratamento e interpretação do corpus documental, recorreu-se à análise qualitativa, operacionalizada por meio da categorização temática dos dados conforme períodos históricos específicos, seguida do cruzamento analítico das informações obtidas, a fim de conferir robustez à interpretação dos resultados.

ANÁLISE DIACRÔNICA DO SUTIÃ

A indumentária foi criada na Pré-história, a partir da necessidade física do ser humano de proteção à exposição do tempo. Era constituída de pedaços de peles dos animais e ferramentas resistentes para facilitar a manipulação do material rígido, com o objetivo inicial do homem em cobrir o corpo para proteção (Anawalt, 2011; Braga, 2007).

A evolução social deste ser pré-histórico, em muitos aspectos permanece uma incógnita; e compreender o papel feminino neste processo é ainda mais difícil. Dentre os poucos registros que apontam para a mulher, neste período, está a pintura corporal, uma ornamentação ligada ao misticismo, mas que também era utilizada na mulher para atrair a atenção de um parceiro sexual (Pendergast; Hermen; Pendergast, 2004). Na antiga Creta, a mulher tinha um papel ativo na

sociedade, envolvia-se em capturas de animais, expedições marítimas e outras atividades consideradas masculinas, mas, acima de tudo, formavam a casta das sacerdotisas de seios nus, que serviam às divindades (Fontanel, 1998; Keyser, 2018). Esta representação é vista na estátua da deusa-cobra em Creta (período de 2000-1700 a.C.) que retrata uma mulher símbolo de fertilidade que evidencia as mamas por meio de uma estrutura de tecido rígido na região da cintura (Medeiros, 2010; Paleari, 2021), que se tornaria mais tarde, o corpete feminino (Fontanel, 1998; Keyser, 2018; Medeiros, 2010) (Figura 1).

Figura 1 - Deusa da Serpente com destaque para os seios na representação



Fonte: Scott (2013, p. 14).

A Deusa da Serpente, citada na Figura 1, é considerada a primeira evidência de veste íntima para o seio. Acredita-se que o material têxtil, partindo do inframamário

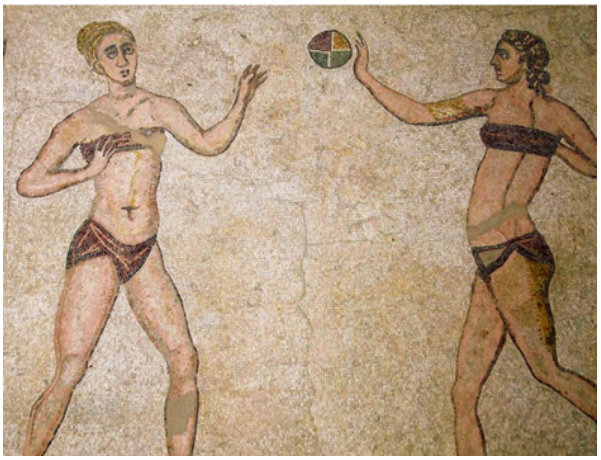
até a cintura, tinha a função de levantar e sustentar os seios. Outra evidência considerada como veste íntima, para cobrir os seios (data entre 215 e 30 a.C.) é com uma das seis Cleópatras que foram rainhas do Egito. Como comprovação, no templo de Athor Evergète II, há uma figura no qual ilustra uma mulher vestida com uma saia presa abaixo dos seios por meio de um par de suspensórios em V, nos quais passam pelos seios nus. Devido a cintura da saia ser alta, a peça levantava as mamas (Medeiros, 2010).

Na civilização Grega antiga, surgiram os *proto-sutiãs*, que foram considerados os antecessores do sutiã. Eram constituídos por tiras finas de tecido ou couro que tinham como função cobrir os seios ao serem usados sob os vestidos, comumente vermelhas, e conhecidas pelo nome de *apodesme*. No período clássico, o formato desta tira se tornou mais larga, assim, além de cobrir, tinha por objetivo levantar e sustentar as mamas. Para os gregos, a beleza consistia na harmonia da silhueta geral, assim as faixas deveriam impedir os movimentos da mama, no caminhar (Fontanel, 1998; Keyser, 2018).

A ascensão do Império Romano garantiu ao homem um maior destaque social, o que levou a mulher a ter um discreto papel secundário na sociedade, assim a valorização se dava pelos seios pequenos. Com isso, surgiu o hábito de comprimir essa região com uma faixa, a fim de minimizar os traços do corpo feminino. As romanas usavam este artifício por meio de faixas nos seios com o nome de *fascia* ou *sthopiem*. Caso os seios continuassem a crescer, era usado então um suporte de couro, com o nome de *Mamillare*, que os comprimia para disfarçar o tamanho (Fontanel,1998) ou até echarpes ou fitas passadas sobre a túnica para também esconder a região (Medeiros, 2010).

Na Figura 2, encontra-se uma parte do mosaico *Sala delle Dieci Ragazze* datado em torno de 400-300 a.C. que está na Pìazza Armerina na Sicília, no qual mostra as romanas usando uma calcinha e um bustiê com as características do *sthopiem* ou *mamillare.*

Figura 2 - Mulheres romanas com as faixas nos seios



Fonte: Scott (2013, p. 21).

A queda deste império, alinhado com o poder da igreja neste período, causou uma vasta escassez de suprimentos, que refletiu diretamente na indumentária. Os vestuários se tornaram mais simples, feitos com tecidos como as lãs. As mulheres passaram a usar as vestes soltas, sem roupa íntima (Scott, 2013). Fontanel (1998) complementa que por muito tempo, na idade média, os seios ficavam livres e cobertos por túnicas e, foi somente no período gótico, que o corpo feminino foi evidenciado novamente através de materiais rígidos para obter uma silhueta delineada.

Em 2012, uma descoberta arqueológica na Áustria contestou esta linha do tempo, a partir do achado de um cofre cheio de couro e tecidos escondidos sob as tábuas do assoalho de uma sala no segundo andar do Castelo de *Lengberg*. Os arqueólogos da Universidade de Innsbruck acharam dentro da caixa quatro sutiãs da era medieval (Figura 03). “A datação por radiocarbono pela historiadora Beatrix Nutz indicou que os sutiãs foram feitos entre 1390 e 1485 A.C.” (Mulko, 2022). Diferente ao que era usado por gregos e romanos, estas peças definiam o formato dos seios.

Figura 3 - Sutiã medieval



Fonte: Keyser (2018, p. 15).

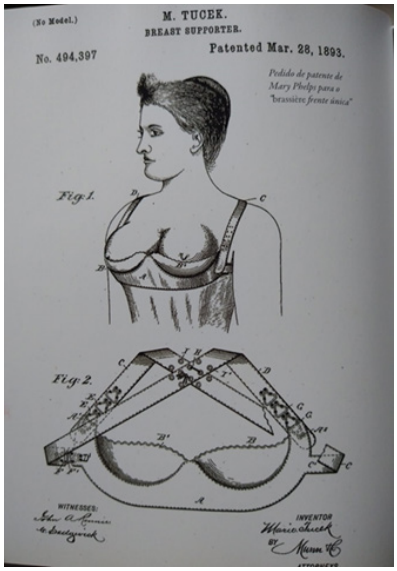
Assim, ao longo da História, a configuração da roupa íntima feminina foi se modificando e proporcionando diversos redesenhos até que enalteceram sua verdadeira anatomia. Deste modo, no século XVI, o espartilho caiu na graça da sociedade, tornando-se moda por muito tempo. Esta peça era construída por meio de uma modelagem estruturada com recursos de barbatanas, que impôs à mulher a condição da coluna ereta, na qual comprimiam as costelas e como consequência machucava a pele (Alves; Martins, 2018; Keyser, 2018).

O século XIX é marcado por oscilações sociais, ocasionadas pela Revolução Francesa, na França e Revolução Industrial, na Inglaterra. No que se refere ao universo feminino, estes ocorridos resultaram mais ainda na exclusão das mulheres de atividades que poderiam propiciá-las social ou politicamente, reafirmando sua imagem submissa e frágil (Ximenes, 2009).

A ascensão da revolução industrial desencadeou uma crise na indústria baleeira que devido à descoberta do petróleo, distribuição do aço e da manufatura em massa, impactou diretamente na criação dos espartilhos e gerou uma explosão nas roupas

íntimas femininas, surgindo uma variedade de formatos de espartilhos e peças íntimas similares ao que se tornaria o sutiã (Fontanel, 1998; Scott, 2013). Alguns destes artefatos foram patenteados, mas não se firmaram no mercado, como o caso de Marie Tucek (Figura 4), que em 1893, patenteou um produto descrito como suporte para os seios (Mulko, 2022; Scott, 2013). Esta peça se caracterizava como um sutiã cavado no colo, com faixas abaixo dos seios e nas laterais e um meio copo para encaixe da base dos seios. Além disso, tinham alças que passavam por cima dos ombros e ao serem cruzadas nas costas, eram presas por fechos (Yu; Ng, 2006). Contudo é importante salientar que esta peça nunca foi de fato comercializada (Mulko, 2022; Scott, 2013; Yu; Ng, 2006).

Figura 4 - Suporte de seios patenteado por Marie Tucek

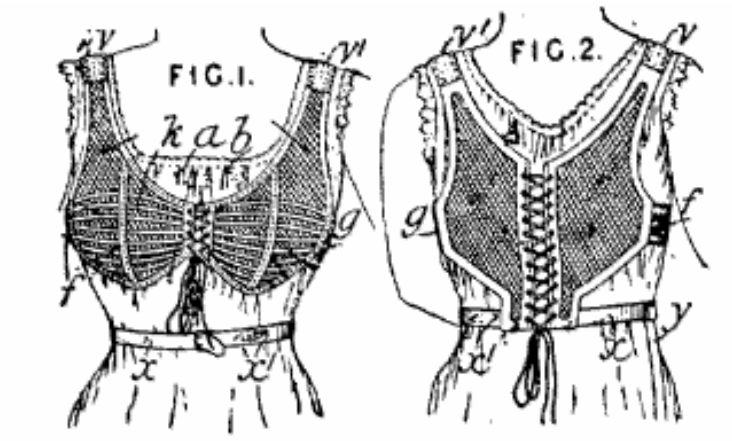


Fonte: Scott (2013, p. 73).

Por volta de 1889, em uma exposição em Paris, a estilista francesa Herminie Cadolle, exibiu uma peça patenteada que ela chamava de *corselet.* Tratava-se de um espartilho dividido ao meio, em que a parte superior tinha alças para sustentar

os seios e a outra peça era utilizada para modelar a cintura (Figura 5). Algum tempo depois esta peça ganhou popularidade como "apoiador de seios" entre as mulheres em Paris (Keyser, 2018). Diferente da proposta de Marie Tucek, a peça possuía alças mais largas, cobria todo o volume das mamas, apresenta ajustes na parte central anterior e posterior por meio das fitas transpassadas. Na parte posterior, a peça acabava na cintura enquanto na anterior logo abaixo das mamas, o que poderia proporcionar maior sustentação quando comparado com a proposta de Herminie Cardolle.

Figura 5 - Apoiador de seio desenvolvido por Herminie Cadolle

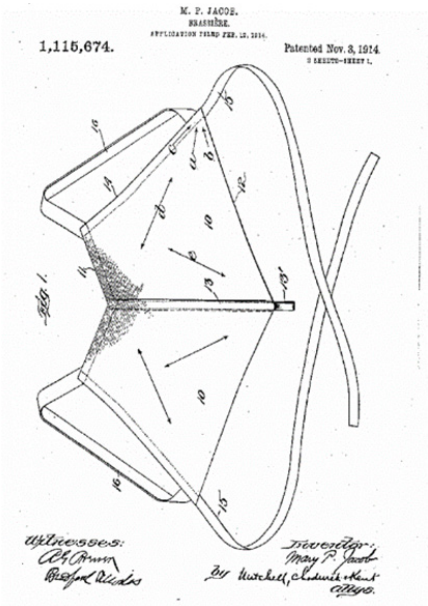


Fonte: Scott (2013, p. 74).

É possível identificar, diversas tentativas de profissionais femininas em estabelecer uma peça mais democrática, contudo as próprias limitações sociais do período interpõem na consolidação deste artefato. Corroborando a esta afirmação, Ximenes (2009) analisa o percurso da mulher, no período vitoriano e a primeira parte da *Belle Époque*, e salienta que a mulher era limitada ao seu universo, uma apreciadora do recato e pudor, mas que foi esculpida sob um olhar projetado partir da fantasia erótica masculina.

Isto não impediu as tentativas das mulheres, de buscarem inovação no design desta peça, assim outra precursora do sutiã moderno é Mary Phelps Jacob (que mais tarde mudou seu nome para Caresse Crosby), que em 1913, ao se preparar para uma festa, criou com a ajuda de uma auxiliar uma espécie de porta-seios usando dois lenços de seda leve e fitas para bebê (Fontanel, 1998). Essas fitas, passavam pelos ombros e ficou conhecido como o *backless bra* ou sutiã sem costas (Medeiros, 2010). Na festa, Mary mostrou sua "invenção" (Figura 6) e as jovens elogiaram a roupa que logo passou a ser objeto de desejo de muitas mulheres. Pouco tempo depois ela iniciou a produção da peça, que devido ao tamanho sucesso, passou a ser utilizado por mulheres fora de seu círculo social. Em 1914, o patenteou de "*sutiã sem costas - brassiere*", o que se tornou a primeira patente deste artefato nos Estados Unidos e, eventualmente, a patente foi comprada pela Warner Brothers *Corset Company* por $1.500 dólares (Keyser, 2018).

Figura 6 - Sutiã patenteado por Mary Phelps em 1914



Fonte: Yu *et al.* (2006, p. 75).

Lentamente, o espartilho foi caindo em desuso, até que com a Primeira Guerra Mundial, este processo foi acelerado devido à escassez de metal, que era destinado quase que exclusivamente na produção de armamentos, concomitantemente, as mulheres ganharam espaço no mercado de trabalho, o que impactou nas modelagens das vestes íntimas. Desta forma, houve a necessidade de adaptar a esse novo cenário. No entanto, por conta de as mulheres não estarem acostumadas a ficar sem uma peça de apoio íntimo, os "sutiãs modernos" se popularizaram (Keyser, 2018). E, embora o cenário deste período tenha contribuído para a divisão do espartilho com o sutiã, ele ainda era utilizado, com uma formação muito mais simples (Fontanel, 1998).

Na década de 1920, houve uma mudança na silhueta feminina, com um corte na modelagem mais linear. Com isso, a indústria do sutiã começou a entrar em ascensão com modelos simples mais próximos da naturalidade da silhueta feminina. Um exemplo foi o sutiã garçonne no qual era confeccionado em tecido jérsei ou cambraia, e em cores básicas e tinha como função ocultar as mamas (Medeiros, 2010). Outra mudança significativa, foi a partir de 1925 com a inclusão das alças versáteis e o modelo triângulo com diferentes tamanhos de taças e, para modelá-las, havia os recursos de pences (Medeiros, 2010). Em relação aos tecidos, a fibra *Rayon* (uma fibra artificial brilhante), estabeleceu-se no mercado, democratizando a lingerie entre o público feminino e no final da década, nasceu o nylon, um fio sintético mais resistente, feito de fenol, hidrogênio, e ácido nítrico (Fontanel, 1998; Keyser, 2018).

A década de 1930 começa mais sóbria, marcada pela crise de 1929 e a moda deste período refletiu os tempos difíceis. Para o sutiã, este momento foi revolucionário devido ao surgimento do látex, que consistia em um fio elástico fino e de comprimento infinito, que possibilitou novas alternativas de produção da peça. Isso porque as máquinas que foram elaboradas para produzir as fibras de látex possibilitaram que os primeiros tecidos com elasticidade fossem desenvolvidos. Os pioneiros na produção deste tipo de tecido foram os irmãos Warner, sendo

que tanto o sentido do urdume quanto no de trama havia elasticidade (Fontanel, 1998). Esses tecidos impulsionaram a substituição dos espartilhos por cintas que se adaptaram melhor à anatomia do corpo feminino (Keyser, 2018). Com isso, além da mulher dar o primeiro passo em direção à leveza dos movimentos, a indústria do segmento da moda pode otimizar a produção por meio de uma gama de novos produtos.

Segundo Warner (1948 *apud* Kagiyama 2011) as taças dos sutiãs com escalas de tamanho foram desenvolvidas nessa década (1930) por Wiliam e Ida Rosenthal e, para Fontanel (1998). O sistema de medição das taças foi criado pelos irmãos Warner (que compraram a patente de Mary Phelps), já para Scott (2013), foi criado pela empresa *S. H. Camp and Company*. Esta técnica de medida era baseada na circunferência do busto e da cintura torácica, e passou a ser utilizada universalmente (Kagiyama, 2011).

Neste período, o cinema estava em evidência e por conta disso, grandes atrizes de Hollywood começaram a influenciar a moda (Braga, 2007). No âmbito da moda íntima, a atriz norte-americana Lana Turner, no filme *"They won't Forget"*, usou um suéter, no qual a peça marcava a forma e os volumes dos seios (Figura 7). A partir de então, surgiu a moda das *swettergirls* que valorizava os seios grandes (Pedersen, 2004). Neste contexto, a *Warner's* desenvolveu uma espécie de almofada de borracha para colocar dentro do sutiã, assim as mulheres que não tinham muito seio chegariam mais perto da nova imagem (Pedersen, 2004). Segundo Fontanel (1998), este acessório foi criado na metade da década e ficou conhecido como bojo.

Diante desse fenômeno, os sutiãs passaram a ser comercializados com bojo e, logo na sequência, surgiram os bojos pontuados (Medeiros, 2010) com pespontos circulares para realçar às mamas (Pedersen, 2004), o que seria tendência na década de 1950 (Medeiros, 2010) (Figura 7).

Figura 7 - Atriz Lana Turner com suéter e sutiã com pespontos circulares.



Fonte: Pedersen (2004, p. 56-57)

Em relação aos modelos de sutiãs, no começo da década apareceu o bustiê, caracterizado por um sutiã sem alças e com barbatanas. Logo no final da década, tem-se a democratização do fecho, embora criado e patenteado na década de 1910. Ocorreu que sua utilização inicial só era feita em alguns poucos modelos de espartilhos. Destaca-se que o fecho tipo "ecler", apesar de também ter sido desenvolvido para sutiãs, apresentou-se muito pesado, o que dificultou o seu sucesso.

O final da década de 1930, foi marcado pelo início da Segunda Guerra Mundial e impactou mundialmente a economia e como resultado, mudou os rumos da história. A moda, consequentemente, sofreu uma masculinização influenciada pelos uniformes dos soldados, como um prenúncio dos anos que viriam, como a praticidade e conforto, na rotina de trabalho (Braga, 2007). Por conta da recessão, existiam regras para o gasto de tecidos e isso influenciou a produção de lingeries em todos os países desenvolvidos que estavam na guerra. Nos Estados Unidos, muitas lingeries foram feitas em casa a partir de sacos de comida, já que nesse

período os produtores de cereais passaram a adotar o algodão com estampas coloridas para empacotar os insumos (Medeiros, 2010).

Em relação à silhueta, a valorização dos seios se tornou mais forte devido à imagem das pin-ups, que consistiam em ilustrações de mulheres seminuas em poses sensuais, usando peças transparentes ou lingeries que exaltavam as curvas. Tais gravuras estampavam livros, calendários, cartas de baralho entre outros produtos (Medeiros, 2010) como forma de distração para os homens (Maran (2012; Martignette; Meisel, 2011), comenta que os soldados que eram convocados para a guerra levavam armas, equipamentos, fotografia da família e as imagens das pin-ups como forma de descontração em dias difíceis e tristes. Medeiros (2010) corrobora que os aviões que transportavam os soldados, foram decorados com desenhos das pin ups como forma de encorajamento, bem como os alojamentos.

Diante disso, a publicidade investiu nas pin-ups como meio de divulgação dos produtos (Martignette; Meisel, 2011) e Hollywood divulgava filmes nos quais evidenciaram os decotes dessas mulheres. Como por exemplo, no filme "O Bandido", a atriz Jane Russel usou um sutiã aerodinâmico criado pelo produtor do filme Howard Hughes. Este produto era composto por amarrações reforçadas, que erguiam e ao mesmo tempo separavam os seios, transformando-se em um grande apelo erótico. O que reforçava a imaginação masculina e as mulheres diante desta situação, não poupavam esforços para se parecerem com as atrizes (Medeiros, 2010).

Neste contexto, o estilista Christian Dior lançou o estilo "*New Look*", que tinha como proposta evidenciar as curvas femininas, com a cintura delineada por meio de amplas saias rodadas, destacando os quadris, blusas e casacos com cinturas finas, ombros arredondados e seios pontudos (Medeiros, 2010). Esta proposta correspondia aos desejos das mulheres ambiciosas por consumo, sofisticação e feminilidade (Braga; Prado, 2011). A partir disso, o sutiã foi redesenhado para empinar os seios o que se tornaria anos mais tarde, o sutiã *push-up* (Fontanel, 1998; Keyser, 2018).

O padrão estético de 1950 definido pelo new look de Dior e Hollywood continuou influenciando a moda (Braga; Prado, 2011) e com o auge dos seios empinados, surgiu o "sutiã bala" (figura 8), para a produção em massa e reafirmou a erotização do público feminino.

Mulheres como Marilyn Monroe, Sophia Loren, Jane Mansfield foram o grande destaque na mídia. Paulatinamente foram aumentando os modelos de sutiãs bem como os materiais empregados em sua confecção (Keyser, 2018). Um exemplo é o sutiã *very secret*, feito em náilon e com almofadas infláveis nos bojos para aumentar os seios, além do sutiã "peito de pombo" que buscava aproximar os seios e por meio das armações estufavam-os (Medeiros, 2010). Por fim, o sutiã com armação se estabeleceu no mercado, embora tenha sido inventado antes (Keyser, 2018).

Figura 8 - Propaganda do sutiã bala



Fonte: Fontanel (1998, p. 125)

Na década seguinte, 1960, houve uma série de manifestações nos Estados Unidos e em países da Europa sobre questões de libertação, os quais lutavam contra as

desigualdades sociais e entre elas estava o movimento feminista. Esse foi um dos principais atos que marcou a história da lingerie, conhecido por "*Queima dos sutiãs*", que consistiu em uma reação pública, causada por mulheres que protestavam contra o culto à beleza moderna, ou seja, as mulheres curvilíneas e aprisionadas aos padrões (Medeiros, 2010). Esse feito fez a peça ser rejeitada por ser restritiva e desconfortável, assim como os padrões sociais e políticos que eram vigorados na sociedade naquele momento. O nome foi dado simbolicamente pela escolha de não usar o artefato, contudo, a mesma não era queimada, era apenas descartada (Keyser, 2018).

Outra ocorrência a ser destacada foi o mercado que começou a produzir lingeries para o público jovem, em cores vibrantes, transparências e com estampas (Medeiros, 2010). Além disso, o segmento também passou por modificações, que demandaram adaptações que fizessem com que a modelagem das peças ficasse simplificada (Figura 10), além da implementação das alças com adaptadores (Fontanel 1998), nas quais permitiram melhor ajuste no corpo da usuária.

Figura 10 - Propaganda da coleção da marca Warner, para adolescentes



Fonte: Fontanel (1998, p. 129).

Na década de 1970 o sutiã representava o vilão da mulher liberta dos padrões passados, com isso os modelos se alteraram para dar uma aparência mais natural, com cores de pele e tecidos mais confortáveis (Medeiros, 2010). Destaca-se a invenção do sutiã esportivo, projetado para sustentar os seios durante a atividade física sem restringir os movimentos. Isso tornou o esporte muito mais prático para muitas mulheres (Mulko, 2022). Em paralelo, a estilista Janet Reger chamou atenção para as suas peças pelo *sex appeal* e glamour, com conjuntos de calcinha e sutiãs com renda tingida (Medeiros, 2010).

Outro marco para a década foi o surgimento da marca Victoria's Secret em São Francisco, nos Estados Unidos da América com a comercialização de lingeries destinadas para a lua-de-mel e ocasiões especiais. No primeiro ano a marca faturou cerca de meio milhão de dólares e quatro milhões de dólares após cinco anos, o que já sinalizava um grande sucesso (Guedes, 2022).

Nos anos de 1980, a mulher não precisava mais da roupa íntima para modelar o corpo, já que surgiu a obsessão pelo corpo fitness (Medeiros, 2010). Diante disso, com o surgimento da lycra e do modelo de sutiã esportivo encapsulado (com dois copos para separar os seios), produto que poderia proporcionar mais conforto, suporte e estabilidade (Pedersen, 2004).

No final da década de 1980, a tendência dos seios grandes voltaram (Lim *et al*., 2006) por influência dos movimentos sociais *hard core* e *rock and roll,* os quais promoveram o sutiã como artefato de destaque na composição do visual, o que o fez objeto de novas criações pautadas em novos modelos, modelagens, estruturas, texturas e estampas. Dentre os modelos que mais chamavam a atenção da mídia e das jovens eram os utilizados pela cantora norte-americana Madonna (Scott, 2013).

Em relação a estrutura da peça, agora a lycra ficou popularizada e começou a ser utilizada com tecidos maleáveis como renda, tule, musseline, algodão, seda e crepe, nos quais era possível criar peças inovadoras, com aderência e elasticidade,

como uma segunda pele confortável e refinada (Medeiros, 2010). Nesse contexto, no final desta década, as lingeries passam a ser desfiladas na passarela e a marca francesa Huit lançou um modelo de sutiã feito de veludo para ser usado à mostra, sobre uma blusa, que foi sucesso de vendas em um novo mercado pronto para ser explorado (Medeiros, 2010).

Nos anos 1990, o sutiã se apresentou desestruturado, com transparências, sobreposições, enchimentos líquidos e outras características que possibilitaram que os seios ficassem elevados. Um marco para o segmento foi em 1995 com a Victoria's Secret Fashion Show que passou apresentar suas coleções anuais em desfiles luxuosos, no qual modelos denominadas *Angels* desfilavam expondo as lingeries e incorporaram personagens com o objetivo de serem as mulheres mais sexy. O sucesso foi tanto que o evento passou a ser transmitido online por emissoras de televisão do mundo inteiro. Como destaque a marca trazia o *Fantasy Bra* que consistia na peça mais importante do desfile. Este produto era o sutiã mais caro da coleção com adornos de pedras preciosas (Guedes, 2022), com bases em tecidos nobres como seda, fio de ouro (Medeiros, 2010) e com bojos que variam em diferentes formatos.

Ainda na década de 1990, o estilista Jean Paul Gaultier junto com a cantora Madonna fizeram o sutiã ser protagonista sem a necessidade de cobri-lo com outra peça. Isso aconteceu quando a cantora aparece vestindo um sutiã preto em um vídeo cantando a música *Like a virgin*. O sucesso foi tanto que as mais jovens aderiram rapidamente à nova moda (Pedersen, 2004).

Após anos de 2000, à espelho de movimentos sociais, desenvolvimentos tecnológicos e novas aplicações de matéria-prima, padronagens, detalhes, acabamentos e cores, novos designs entraram em cena e aspectos como conforto e saúde se tornaram pontos de relevância de escolha do artefato. Por conta desta diversidade, Medeiros (2010) comenta que no século XXI a indústria da moda íntima apresenta duas subcategorias; a *lingerie underwear* e a *lingerie outwear*.

Neste contexto, Alves e Martins (2018) apresentam três categorias básicas de sutiãs: sutiã de moda, sutiã esportivo e sutiãs específicos (lactação/pós-operatório). Os sutiãs de moda são projetados com foco na estética e seguem tendências de moda. Os sutiãs esportivos ou tops, como são chamados, tem como objetivo a sustentação dos seios e a estabilidade durante a prática de exercícios físicos. Por fim, a terceira categoria de sutiãs é para um público que tenha demandas pontuais e que necessitam de alguma matéria-prima, modelagem ou mecanismo especial para facilitar a manipulação do artefato em um contexto pontual (Alves; Martins, 2018). Dominy (2010) acrescenta outra divisão apresentando cinco diferentes modelos de sutiã: triângulo, meia-taça, push-up, cobertura total e top.

A partir destes modelos, a indústria foi aprimorando os processos com a inserção de materiais variados que atendam modelagens mais elaboradas, como arames, enchimentos, alças ajustáveis, alças com espessuras variadas, fechos ajustáveis, entre outros (Keyser, 2018) e desenvolvendo novos modelos como: tomara-que-caia, nadador, frente única, balconet, lenço, bralete ou (Donofree, [2023]) para casos especiais como amamentação ou masctectomia. Mesmo diante desta gama de sutiãs apresentada, a procura de um modelo ideal ainda é um processo complicado para as usuárias (Rondó Júnior, 2021).

DISCUSSÃO: A EVOLUÇÃO DO SUTIÃ SOB O PONTO DE VISTA TECNOLÓGICO E AS CONTRIBUIÇÕES PARA AS USUÁRIAS

No decorrer dos séculos, a moda passou por sucessivas transformações; contudo, gostos, hábitos e atitudes permaneceram, em grande medida, constantes (Lipovetsky, 2009). Essa permanência evidencia que, embora os códigos visuais e estéticos se alterem, os fundamentos socioculturais que orientam o consumo e a percepção da moda demonstram considerável resiliência histórica. Nesse contexto, embora as relações entre corpo e moda revelem-se complexas, observa-se que ambas derivam do significado estético atribuído ao corpo pela sociedade (Entwistle,

2000). Desse modo, constata-se que, apesar de a figura feminina ter alcançado certos protagonismos em momentos específicos da história, de forma geral, manteve-se subjugada às estruturas de dominação social e cultural (Medeiros, 2010; Ximenes, 2009).

Isto fica mais evidente ainda, no que se refere ao vestuário intimo feminino pois ao longo da história, a figura feminina, foi uma mera espectadora, e embora as precursoras da invenção do sutiã fossem mulheres, como aponta Fontanel (1998), Scott (2013) e Keyser (2018), o desenvolvimento deste produto esteve, por muito tempo, nas mãos dos homens, isto é, foi desenvolvido para satisfazer as necessidades estéticas masculinas, com relação à imagem da mulher. Observa-se que o desdobramento do papel feminino na História engendrou as modificações do design do sutiã, para além da função estética, como salientado por Medeiros (2010).

Pode-se afirmar que o design do sutiã (ou das peças íntimas que viriam a se tornar sutiãs) girou em torno das necessidades sociais de cada período. Na antiga Roma, por exemplo, mulheres com seios avantajados não eram bem vistas e, portanto, os comprimiam, conforme citado por Fontanel (1998). Outra fase relevante ocorre nas décadas de 20 e 30, quando o sutiã estava se estabelecendo no mercado, período em que não havia um design definido. Já nos anos 40 e 50, a silhueta feminina bem definida estava no auge e o design do sutiã deveria seguir esse padrão para ajudar a realçar as curvas femininas e alimentar as fantasias masculinas, como mencionado por Pedersen (2004) e Medeiros (2010).

A evolução têxtil foi primordial para que este artefato começasse a envolver o corpo feminino, surgindo, assim, a necessidade de uma modelagem que representasse essa silhueta, alinhada aos aviamentos adequados. Isso, somado ao aumento da exposição do corpo feminino na mídia, fez com que indústria evoluísse também no aspecto estético, trazendo novas configurações para o sutiã feminino. No entanto, foi somente com a evolução tecnológica dos últimos anos e com pesquisas acerca do seu design que esse tema se tornou pauta de discussão entre especialistas,

uma vez que se comprovou que afetava diretamente a saúde feminina, causando problemas relacionados à coluna ou até mesmo as mamas pela falta de um sutiã adequado.

Dessa forma, no que tange às roupas íntimas, tais preocupações também se tornaram pauta de discussão na indústria, uma vez que a mulher, além de apresentar biotipos diferentes, também exibe uma variação morfológica ao longo da vida. Assim, é necessário que as peças consigam suprir essas variações, além de attender a casos específicos, nos quais se exige uma peça adequada, como é o caso de sutiã de amamentação e sutiã para mastectomia, em que há uma limitação ainda maior, visto que o corpo da mulher está fragilizado pelo tratamento, necessitando modelagem especial, tecidos e aviamentos que proporcionem conforto ergonômico.

Outro agravante a ser considerado é a massificação deste produto, que contribuiu para a exposição de peças de baixa qualidade e modelagens inadequadas que apertam os seios e, muitas vezes, as alças machucam os ombros, prejudicando a coluna. Esses erros de adaptação podem afetar a saúde feminine, gerando problemas de circulação sanguínea e queda das mamas. No entanto, existem marcas que oferecem sutiãs adequados a diferentes biotipos ou que investem em tecnologia de matéria-prima para facilitar a adaptação do produto ao corpo, mas esses modelos são muito mais caros, tornando-se inacessíveis para grande parte da população.

Na década de 2020, a pandemia do COVID-19 demandou reclusão em ambiente doméstico e, inerente a tal medida sanitária, o trabalho na modalidade home office passou a vigorar majoritariamente em todo o contexto mundial. Essa nova condição possibilitou que as vestimentas utilizadas para o trabalho presencial fossem substituídas por roupas mais confortáveis, ao estilo do “ficar em casa”. Consequentemente, o sutiã foi substituído por peças com tecidos macios e leves, como por exemplo, modelos de tops esportivos, braletes ou mesmo sutiãs sem aro e com alças ajustáveis, entre outros elementos estruturantes que proporcionam maior suporte às mamas.

Uma pesquisa realizada em 2023 apontou que, mesmo diante de tantas inovações tecnológicas, o sutiã ainda está associado ao desconforto em virtude de sua pressão sobre a área dos seios, principalmente no caso de mulheres com IMC acima do peso (Miranda; Medola; Paschoarelli, 2023).

Além da parte estrutural do sutiã, Rondó Júnior (2011), comenta que os tecidos também têm grande impacto, tanto no conforto físico quanto na absorção do calor da pele e na prevenção de alergias. Portanto, o modelo do sutiã, seus aviamentos e tecidos influenciam diretamente a adequação do produto às mamas das usuárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história, o desenvolvimento do sutiã esteve majoritariamente sob o controle masculino, evidenciando-se como um objeto que, por décadas, contribuiu para a erotização da figura feminina. Sua evolução, durante considerável período, orbitou em torno das expectativas masculinas, de modo que as inovações tecnológicas se vincularam prioritariamente ao apelo estético, em detrimento do conforto e da funcionalidade para a mulher.

Observa-se, contudo, que a trajetória do sutiã também acompanha as transformações do papel feminino na sociedade. À medida que as mulheres conquistaram maior voz e autonomia, o design dessa peça passou a refletir demandas mais amplas, superando a função de mero suporte para os seios e incorporando aspectos como conforto, adequação anatômica e bem-estar. Foi especialmente nas últimas décadas, impulsionado pelos avanços tecnológicos, que o sutiã alcançou melhorias substanciais em termos de ajuste, modelagem, escolha de tecidos, aviamentos e caimento, com a indústria focando em atender as necessidades relatadas pelas próprias usuárias.

Ainda assim, o sutiã permanece como um desafio para a indústria têxtil e de confecção, dada a complexidade dos fatores que impactam sua produção e

aceitação, como a diversidade de biotipos femininos, as variações no formato das mamas, questões emocionais relacionadas ao uso e condições específicas como alterações de peso e procedimentos médicos, a exemplo das mastectomias.

Conclui-se, portanto, que o sutiã transcende sua função inicial para se constituir como um símbolo social do despertar da autoconsciência feminina, representando a liberdade de escolha da mulher diante de padrões socioculturais historicamente impostos.

AGRADECIMENTOS

(omitido para revisão a cegas).

REFERÊNCIAS

ALVES, R. P.; MARTINS, L. B. O sutiã e seus precursores: uma análise estrutural e diacrônica. *ModaPalavra*, Florianópolis, v. 11, n. 22, p. 459-482, 2018. Disponível em: https://periodicos.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/12259/8612. Acesso em: 15 jan. 2023.

ANAWALT, P. R. *A história mundial da roupa*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

BASS-KRUEGER, M. *Everything you ever wanted to know about:* the bra. *British Vogue*, London, 18 Ago. 2019. Disponível em: https://www.vogue.co.uk/gallery/history-of-the-bra. Acesso em: 31 jul. 2023.

BRAGA, J.; PRADO, L. A. *História da moda no Brasil*: das influências às autorreferências. São Paulo: Disal Editoral, 2011.

BRAGA, J. *História da moda:* uma narrativa. 7. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

DOMINY, K. *Contemporary Lingerie Design.* Londres: Laurence King, 2010.

DONOFREE, D. The history and evolution of the bra. *AnaOno*, [London, 2023] Disponível em: https://www.anaono.com/blogs/dressing-room/the-history-and-evolution-of-the-bra. Acesso em: 31 jul. 2023.

ENTWISTLE, J. *The fashioned body*: fashion, dress and modern social theory. Cambridge, UK: Polity Press, 2000.

FONTANEL, B. *Sutiãs e espartilhos:* uma história de sedução. Tradução: Maria Cecília D'Egmont e Olívia Martins. Rio de Janeiro: GMT Editores, 1998.

GUEDES, M. C. *O impacto das redes sociais nas organizações:* caso Victoria's Secret Fashion Show. 2022. 106 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Digital) - Universidade Católica Portuguesa, Braga, PT, 2022.

KAGIYAMA, W. *Design de vestuário íntimo*: o sutiã sob a abordagem de conforto. 2011. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/32633 Acesso em: 08 jan. 2026.

KEYSER, A. J. *Underneath it all*: a history of women's underwear. Minneapolis: Twenty-First Century Books, 2018.

LIM, N-Y; ZHENG, R.; YU, W.; FAN, J. Assessment of women´s body beauty. *In*: YU, W.; FAN, J.; HARLOCK, S; NG, S. P. *Innovation and technology of women's intimate apparel*. Cambridge: Woodhead Publishing Limited, 2006. p. 1-27. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B9781845690465500033?via%3Di hub. Acesso em: 20 maio 2024.

LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero:* a moda e seu destino nas sociedades modernas. Companhia de Bolso: São Paulo, 2009.

LÖBACH, B. *Design Industrial:* Bases para a Configuração dos Produtos Industriais. São Paulo: Edgard Blucher, 2001.

MARAN, Ana Laura. *Pin-up Brasil.* 2012. 95 f. Monografia (Bacharelado em Design Gráfico) - Centro Universitário Senac, São Paulo, 2012.

MARTIGNETTE, Charles; MEISEL, Louis. *The great american pin-up.* Trad. Vernáculo. Cologne: Taschen, 2011.

MEDEIROS, J. *Costurando para fora:* a emancipação da mulher através da *lingerie*. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2010.

MIRANDA, A. C. M.; MEDOLA, F. O.; PASCHOARELLI, L. C. A influência do IMC de mulheres adultas na percepção de desconforto no uso de sutiãs: discussões sobre

o design de vestuário íntimo feminino. *Estudos em Design*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, 2023. Disponível em: https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/1705/562. Acesso em 20 abr. 2025.

MULKO, M. The long evolution of the bra: who invented it and why? *Interesting Engineering*, 4 fev. 2022. Disponível em: https://interestingengineering.com/culture/the-long-evolution-of-the-bra-who-invented-it-and-why. Acesso em: 8 fev. 2023.

PALEARI, L. The history of underwear: between past, present and inclusiveness. *The Italian Rêve*, 11 jun. 2021. Disponível em: https://www.theitalianreve.com/the-history-of-underwear-between-past-present-and-inclusiveness/. Acesso em: 14 fev. 2023.

PEDERSEN, S. *Bra:* a Thousand Years of style, support and seduction. UK: David & Charles, 2004.

PENDERGAST, S. HERMEN, S.; PENDERGAST, T. *Fashion_costume_and_culture:* the ancient world. New York: UXL, 2004. v. 1.

RONDÓ JUNIOR., W. Atenção: seu sutiã pode estar destruindo seus seios. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 maio 2021. Disponível em: https://www.jb.com.br/colunistas/saude-e-alimentacao/2021/05/1030502-atencao-seu-sutia-pode-estar-destruindo-seus-seios.html. Acesso em: 19 jan. 2023.

SCOTT, L. *Lingerie:* da antiguidade à cultura pop. Barueri: Manole, 2013.

SHENG, Q.; WANG, X. Bra purchase choice influenced by feminism: an empirical study ase don survey. *Advances in Social Science, Education and Humanities Research*, Dordrecht, v. 631, p. 528-533, 2022. DOI: https://doi.org/10.2991/assehr.k.220105.097.

SMITH, L. H. Support and uplift: how technology defined the bra during the twentieth century. *The Journal of Dress History*, London, v. 2, n. 3, p. 73-99, 2018.

STAMPLER, L. The 100-year history of the modern bra is also the history of taking off bras. *Time*, 3 nov. 2014. Disponível em: https://time.com/3553997/modern-bra-history-1914/. Acesso em: 31 jul. 2023.

XIMENES, M. A. *Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX.* São Paulo: Estação das Letras, 2009.

YU, W.; FAN, J.; HARLOCK, S.; NG, S. P. *Innovation and technology of women's intimate apparel.* Cambridge: Woodhead Publishing Limited, 2006. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=McBQAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=BRA+TECHNOLOGICAL+INNOVATION&ots=yDSQDEBD-O&sig=6s3nxFSGLfMarh2-. Acesso em: 28 jul. 2023.

YU, W.; NG, S. P. Innovations of bras. *In*: YU, W.; FAN, J.; HARLOCK, S; NG, S. P. *Innovation and technology of women's intimate apparel.* Cambridge: Woodhead Publishing Limited, 2006. p. 59-75. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/B9781845690465500033?via%3Dihub. Acesso em: 28 jul. 2023.